

Censo exhibe Santos mais vazia e alta das 'pontas'

Estudioso vê "exportação da classe média"

RAFAEL MOTTA
DA REDAÇÃO

Os resultados prévios do Censo 2022 demonstram a continuidade de um fenômeno observado há três décadas na Baixada Santista: o esvaziamento das áreas centrais e a ocupação crescente das extremidades do território. Esse movimento fica mais claro quando se comparam os números atuais com os do recenseamento de 2010. Em 12 anos, Santos perdeu 5.359 moradores, enquanto Praia Grande ganhou 83.443.

A observação é do arquiteto José Marques Carriço, doutor e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Em sua formação, analisou a evolução socioeconômica da Baixada. No mestrado, tratou de "legislação urbanística e segregação espacial nos municípios centrais" da região e, no doutorado, das "transformações produtivas e socioespaciais" locais "na crise do capitalismo após a década de 1980".

Oito das nove cidades da região tiveram aumento populacional nos 12 anos de diferença entre os cen-

sos, promovidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O total aferido de habitantes passou de 1.662.392 para 1.835.584 (+10,4%), ou 173.192 pessoas.

Apenas no Litoral Sul (Praia Grande, Itanhaém, Peruíbe e Mongaguá), foram 128.950 a mais — uma Cubatão inteira. De modo proporcional, Bertioiga teve maior alta: 34,9% (16.556 residentes).

Carriço vê motivos diferentes para o crescimento do número de moradores nos extremos da Baixada. Ele considera que "Santos, mais do que nunca, está exportando população de classe média para Praia Grande".

O fenômeno também é visto em direção a Mongaguá, cuja alta da população fixa superou, por décimos, o praia-grandense. "Houve crescimento populacional negativo (em Santos) em uma década de intensa atividade imobiliária", salientou.

Em Bertioiga, ao norte da região, o urbanista acredita a elevação na quantidade de habitantes à migração oriunda da Região Metropolitana de São Paulo, em especial de Mogi das Cru-



Santos teve "crescimento populacional negativo em uma década de intensa atividade imobiliária", destaca o urbanista José Marques Carriço



Praia Grande passou da 4ª para a 2ª colocação regional em habitantes

EM DOZE ANOS

Cidade	2010	2022	Diferença	Em %
Bertioiga	47.462	64.018	16.556	34,88
Cubatão	118.629	128.645	10.016	8,44
Guarujá	290.526	311.116	20.590	7,09
Itanhaém	86.919	107.927	21.008	24,17
Mongaguá	46.186	61.062	14.876	32,21
Peruíbe	59.698	69.321	9.623	16,12
Praia Grande	261.391	344.834	83.443	31,92
Santos	419.388	414.029	-5.359	-1,28
São Vicente	332.193	334.632	2.439	0,72
Baixada	1.662.392	1.835.584	173.192	10,42

FONTE: IBGE

zes, vizinha a Bertioiga.

SÃO VICENTE

Dos oito municípios onde a população cresceu, o índice mais baixo foi o de São Vicente: 0,7%, ou 2.439 pessoas. Em parte, isso fez com que perdesse para Praia Grande a segunda posição

em número de moradores na Baixada.

O aumento praia-grandense foi expressivo a ponto de ter levado a Cidade do quarto para o segundo lugar regional em habitantes (Guarujá era a terceira e, a despeito de ter ganho 20.590 residentes, agora, é

a quarta colocada).

José Marques Carriço afirma que, somente quando houver dados por setor censitário — regiões nas quais se divide uma cidade para a pesquisa de campo —, será possível entender a dinâmica da migração dentro de São Vicente.

Para ele, "é bem possível que a Área Insular tenha perdido população", e há núcleos onde recenseadores podem ter tido mais dificuldade do que em outros. Um deles, a Fazendinha, na Área Continental, ocupada irregularmente e rápida-

Geógrafo: lei urbanística é seletiva

Na tese de doutorado em Demografia que apresentou em 2018 na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o geógrafo Luiz Antonio Chaves de Farias estudou a mobilidade populacional e a ocupação de espaços urbanos na Baixada. Entre suas conclusões, está a da "seletividade" na aplicação da legislação urbanística e em seu impacto no mercado imobiliário.

A "dinâmica intraurbana" resultou, segundo Farias, "na instituição de uma série de legislações urbanísticas específicas que se preocuparam quase que exclusivamente em reservar as melhores localizações metro-

INFLUÊNCIA

"A produção social do espaço metropolitano da Baixada Santista tornou-se ainda mais elitista nas últimas duas décadas, com consequências relevantes sobre sua dinâmica populacional"

Luiz Antonio Chaves de Farias
Geógrafo, na tese de doutorado em Demografia que apresentou na Unicamp em 2018

politanas — ou mesmo criar novas — para os grupos sociais que podiam usufruir e pagar por elas".

O geógrafo também observou que "um grande estoque de domicílios potencial-

mente ocupáveis em caráter permanente pela população local é reservado a um público de fora da região. Dessa maneira, limitam-se as opções de moradias nas áreas mais providas de infraestrutura da orla marítima e nas áreas centrais da região onde estão concentradas as oportunidades metropolitanas".

CRESCIMENTO "ELITISTA"

Considerando os últimos 20 anos (até 2018), Chaves também destacou que "a produção social do espaço metropolitano da Baixada Santista tornou-se ainda mais elitista nas últimas duas décadas, com consequências rele-



Fazendinha é um núcleo que cresceu na Área Continental de São Vicente de forma irregular e acelerada

vantes sobre sua dinâmica populacional".

"Isso", completou o geógrafo, "porque os gru-

pos sociais menos abastados se veem sem opção de residir no caro e limitado núcleo metropolitano". As-

sim se explicariam a redução populacional de Santos e o crescimento nos extremos da região. (RM)

